



Representatividade de Jojô Todynho sob perspectivas descoloniais e Letramento Racial Crítico

Kahuanna Andrews de Jesus Oliveira

Introdução

A visibilidade negra nas mídias ainda permanece escassa e inabitual, há ausência de pessoas que as representem, uma vez que, majoritariamente, pessoas brancas permanecem em maior destaque em diversos contextos sociais, levando a crer que o Brasil deva ser representado dessa forma e por essas pessoas. A população negra possui os piores índices *per capita*, níveis altos de desemprego e níveis de escolarização baixa. Roberta Silva (2019, p. 12) alerta que “se torna um problema para o debate das mulheres negras e o poder quando não apenas sustenta as barreiras que impedem que essas ascendam à política, como também as limita, ou mata, quando chegam a esses espaços — onde já são absolutamente sub-representadas.”. Consequentemente, negros e negras não tendem à identificação com esses espaços e com essas pessoas (escolar, político, midiático) e com um processo de produção de conhecimento que faça sentido para elas.

Os meios tecnológicos impactam a sociedade de maneira irrestrita e global. Cada um desses meios impulsiona uma configuração de relação social: a advinda dos meios digitais que direciona para um contexto menos padronizado e mais democrático, porque, baseado neles, cada um desenvolve em função de suas necessidades de informação, de seus hábitos de lazer e de suas próprias iniciativas individuais (RUDIGER, 2013).

Sendo essa inserção abrangente e bastante vultosa, a cultura midiática exprime imponente relevância a partir de aparições possibilitadas por meio de programas televisivos e mídias sociais. O campo da representação por meio das mídias não é imóvel. Desde 1980 até o atual momento, a partir da representação popular, as formas pelas quais os contrastes raciais e étnicos têm sido

recopilados resistem em deslocamentos por meio de novos padrões. A mudança mais relevante tem sido o aumento de negros e negras na mídia popular, bem como estão, a longos passos, mais presentes em diversos contextos da vida cultural (HALL, 2016).

Partindo do pressuposto de que a mídia contribui com a reprodução de representações sociais que circulam nos espaços cotidianos, este trabalho procurou atrelar o papel desempenhado pela mídia na configuração de representações sociais contemporâneas, sob perspectivas decoloniais, a fim de verificar as representações contidas no discurso divulgado no suporte midiático Instagram e discutir indícios de letramento racial a partir desse mesmo discurso.

Nessas premissas, o presente estudo teve por objetivo refletir acerca da representatividade socioculturalmente estabelecida pela cantora e apresentadora brasileira Jojô Todynho (Jordana Gleise de Jesus Menezes), analisando seu discurso feito em um Programa de Televisão, “Domingão com Huck”. A intenção não é esgotar a temática, mas ampliar as discussões e reflexões ainda escassas acerca do assunto.

As perguntas de pesquisa respondidas no decorrer do ensaio para direcionar a análise foram: 1. De que forma as perspectivas descoloniais contribuem na construção das representações? 2. O discurso de Jojô Todynho indica Letramento Racial? 3. Identifica-se nos comentários da postagem representatividade em relação ao discurso de Jojô Todynho?

Dada a importância da publicidade e considerando que ela é essencial para a estruturação de determinada influência a fim de nortear o relacionamento do artista com o público, pretendeu-se, dessa forma, estabelecer relações que inclinam identificação e representatividade dos indivíduos na identidade de Jojô Todynho.

Fundamentação teórica / Desenvolvimento

Conforme Ferreira (2014), a teoria Racial crítica ressalta o destaque à branquitude preponderante, fato obrigatório a ser tratado no que se refere a questões raciais, portanto encontra-se na Teoria Racial Crítica suporte teórico para este trabalho que visa refletir acerca das representações contidas no discurso postado em um suporte midiático (Instagram) e ponderar indícios de letramento racial. Ferreira (2014) explica que, por esse viés, o que é construído em nome do poder possibilita ser discutido e desconstruído em nome da igualdade e da justiça social, incitando a desconstrução das ideias coloniais e excludentes, o que incorpora à desobediência epistêmica, citada em Mignolo (2008).

Piza (2005) consolida que a “branquitude” se refere à fase em que se superou a “branquidade”, sendo perceptível a necessidade de abrangência no que se refere ao papel do branco na estruturação do racismo, a fim de que, por meio do letramento racial crítico, haja fase de superação da branquidade em direção a uma branquitude crítica, assim como será destacado no desenvolvimento desse trabalho.

Associadamente, Marcondes (2023) prenuncia o fato de que o decolonialismo assiste a elaboração de uma pedagogia dialógica, horizontal, cuja construção do conhecimento e sua propriedade sejam abrangentes, o que resultarão em transformações nos âmbitos sociais de fato necessárias, decorrendo em uma sociedade menos desigual, antirracista, antissexista. A autora ressalta, ainda, que a procura por essa decolonialidade perpassa por reflexões críticas indeclináveis e necessita de ampliação de discussão para que haja superação das relações de opressão próprias do pensamento colonial.

As convicções eurocêntricas acarretam no silenciamento dos saberes marginalizados e dos saberes que correspondem às necessidades dos povos originários. O protótipo estabelecido socialmente - branco, machista e masculino, cristão, escravista - contribui com o prosseguimento das relações de poder (Marcondes, 2023).

Mignolo (2008) também movimentou reflexões acerca do que se compreende contexto descolonial, o que patenteia pensar além da exterioridade e em uma posição epistêmica em face ao domínio proeminente que cria, constrói e alça um exterior a fim de garantir sua interioridade que se assemelhe à aparência “natural” do mundo, isto é, branco, heterossexual e do sexo masculino. A opção descolonial infere a perspectiva de milhares de pessoas cujas vidas foram escusadas e marginalizadas, cuja consciência do próprio valor foi submetida e cujos corpos foram utilizados como força de trabalho escravo.

Mignolo (2008) acrescenta e reitera ainda que, para se pensar agudamente a opção descolonial, a identidade em política é de suprema relevância, visto que a política de identidade permeia toda a visão das identidades sociais e assegura uma identidade não real, que coincide com as características “naturais do mundo”, uma política que indica identidades similares quanto contrárias como essencialistas e fundamentalistas.

A opção descolonial evidencia, segundo o autor, a identidade camuflada sob teorias democráticas universais na mesma proporção que corrobora com a construção de identidades racializadas que foram edificadas pelas categorias hegemônicas do pensamento, das histórias e das experiências do ocidente, silenciando raciocínios símiles da África e da população indígena.

Os assassinatos em massa não são todos registrados com a mesma visibilidade e com o mesmo valor. Os critérios não citados no que se refere ao valor das vidas humanas são evidências, por uma perspectiva descolonial, de política escondida de identidade, o que significa que o enunciador se tornará uma régua, o qual estabelecerá o valor destinado a outras vidas humanas que não possuem opção intelectual e poder social para manifestar os eventos de acordo com uma divisão racista. Numa mesma sociedade em que há morte e terror, vozes críticas se estabeleceram para estruturar as brutalidades de uma civilização construída sobre a retórica da salvação e do bem-estar para todos (MIGNOLO, 2008).

A tutela da analogia humana sobre as diferenças humanas será, de fato, uma reivindicação realizada pela posição de privilégio da política de identidade no poder, logo o pensamento sob perspectivas descoloniais é o palanque para a pluriversalidade como um projeto universal (MIGNOLO, 2008).

Ainda em consonância com Mignolo (2008), quando se considera um sistema de poderio político e uma organização econômica que visa à reprodução da vida, e não da morte, o que reflete uma distribuição de riqueza equânime, e não a acumulação entre poucos, tem-se uma economia norteada em direção ao bem-estar de muitos, no qual há uma política de representação social equivalente e correta, na mídia por exemplo, o que será tratado mais detalhadamente a seguir.

No intuito de iniciar as discussões acerca da representação social, primordialmente, no que concerne à substancial representatividade, houve, de fato, três relevantes acontecimentos de encontro do “Ocidente” com os negros que originaram inúmeras representações populares, com base na efetivação da diferença racial. Primeiramente, originou-se a representatividade no contato entre comerciantes europeus e os reinos da África Ocidental, gerador de escravos negros durante três séculos, o que acarretou efeitos significativos na escravidão e nas sociedades pós-escravistas. O momento seguinte decorreu com a colonização da África e sua porção entre as potências europeias que objetivavam reger o território, mercados e matérias-primas coloniais no período do “novo imperialismo”. O terceiro ocorreu com as migrações pós-Segunda Guerra Mundial do “Terceiro Mundo” para a Europa e América do norte. As ideias ocidentais sobre “raça” e as imagens da diferença racial foram construídas com base profunda nesses três eventos (Hall 2016, p. 161).

A exploração e a colonização da África contribuíram significativamente com as representações populares, a exemplo de tal efeito há o desdobramento de imagens e temáticas imperiais na Grã-Bretanha por meio da publicidade das mercadorias no final do século XIX (Hall 2016, p. 163). A publicidade foi o principal caminho pelo qual o projeto imperial auferiu forma visual em um meio popular, engendrando o vínculo entre o Império Britânico e a imaginação nacional. Em vista disso, Anne McClintock (2010) pondera que, por meio da racialização dos anúncios de publicidade

(racismo como bem comercial), o espaço da classe média na era vitoriana transformou-se em um espaço para a exposição do espetáculo imperial e para a reconstituição da raça.

A representação na publicidade correlaciona o sentido e a linguagem à cultura, que se refere à permuta e produção de sentidos. A cultura estabelece relação com sentimentos, com emoções, com senso de pertencimento, bem como constitui e norteia práticas sociais, influenciando posturas e, por conseguinte, ocasionando efeitos reais e práticos. Pessoas pertencentes à mesma cultura partilham grupos de conceitos, imagens e ideias que possibilita sentir, refletir e, logo, interpretar o mundo de maneira equivalente, isto é, os mesmos “códigos culturais”. Desse modo, pensar e sentir são em si mesmos “sistemas de representação”, nos quais conceitos, imagens e emoções dão sentido a ou representam o que está ao entorno. (Hall, p. 23, 2016).

No sentido de gerar representação, espaços televisivos têm sido proporcionados para que entrevistas com esse viés implementem a relevância da temática, incitando maior presença de pessoas pretas nos espaços mais aparentes a fim de viabilizar o processo de representação e afirmação da população negra no Brasil, gerando Letramento Racial.

Para Kellner (p. 203, 2001), “a cultura da mídia reproduz as lutas e os discursos sociais existentes, expressando os medos e os sofrimentos da gente comum, ao mesmo tempo que fornece material para a formação de identidades e dá sentido ao mundo. Quando os membros dos grupos oprimidos têm acesso à cultura da mídia, suas representações muitas vezes articulam visões outras da sociedade e dão voz a percepções mais radicais.”

Nascida e criada no bairro de Bangu, no subúrbio carioca, Jojô Todynho, como é conhecida popularmente, é oriunda de uma família de baixo poder aquisitivo, tendo sido criada por sua avó paterna, Rita Maria. Revelou em entrevistas que sua forte autoestima originou-se de sua criação bastante rígida, em que lhe foi ensinada a importância de cultivar o amor próprio. Seu nome de registro é Jordana Gleise de Jesus Menezes, é cantora e apresentadora brasileira. Ficou bastante conhecida com o *hit* “Que Tiro Foi Esse?” e no ano de 2020 venceu a 12ª temporada do *reality show* “A Fazenda”.

O estudo pretende refletir acerca do discurso de Jojô Todynho no programa televisivo “Domingão com o Huck” exibido no dia vinte de novembro de 2022 transcrito abaixo:

“Nesse ano, eu comecei a ter aula de linguagem né, sobre o meu povo preto, sobre a minha representatividade, com o professor Ricardo Tassilo né?! E eu não sou negra só em novembro, eu sou negra o ano todo, eu sofro preconceito o ano todo. Então, a consciência tem que ser falada todos os dias. Nós queremos respeito, e é o que eu falo pra todo mundo da geração que vem agora, que vai ser a geração dos meus filhos, a

geração dos meus netos. Não que isso seja um problema, mas não estaremos limpando vaso de madame né?! Eu quero que a geração entenda e tenha uma consciência que nós precisamos quebrar isso cada dia mais, é uma luta constante. A favela venceu, a favela ainda não venceu. A favela ainda está vencendo. Estamos num processo pra isso. Letramento racial é necessário. Não é só pedir desculpa, vai estudar! Se não doeu em você, não fale da dor dos outros. Eu posso falar com propriedade né?! E isso é muito bacana quando as marcas, a televisão tem cada vez mais dado, é, vem dando espaço para as pessoas pretas mostrar o seu trabalho, mostrar sua capacidade e trazer essa representatividade e, por que quantas Jojô's Todynho anônima têm por aí? Preconceituosos não passarão!”.

Jojô, em seu discurso, declarou ter iniciado aulas de linguagem sobre “*o seu povo preto*”, o que, por meio da utilização do pronome possessivo “seu”, predispôs pertencimento em seu discurso. “*A linguagem*”, tópico citado em ato contínuo por ela, remete e reafirma, também, à sua origem, ao povo inerente ao seu pertencimento, o que vem ao encontro do que fora citado por Hall. No discurso, a artista faz relação com o povo branco hegemônico europeu, o dominante, tratar intrinsecamente do assunto meramente no Dia da Consciência Negra, enquanto que, cotidianamente, violências verbais e físicas, ofensas e constrangimentos continuam sendo recorrentes, tornando-se necessária sim que a tratativa seja perpétua.

Tal fato corrobora com a necessidade de aprazar a valorização das experiências das quais os sujeitos fazem parte, no cotidiano e em outras áreas de sociabilidade, como os movimentos negros (Souza, 2009). Dignificar essas práticas das quais os sujeitos participam externamente à escola além de gerar letramento racial, produz sentido no campo escolar e motiva a participação em leituras e discussões, por exemplo, “prolonga e esclarece a orientação tomada no discurso interior, e as entoações que ele contém” (Voloshinov 1976, p. 100) de que não integram a população em geral, referido excludentemente como “*minha gente preta*”, no discurso de Jojô Todynho.

Muitas pesquisas têm revelado que, para a grande maioria dos negros e negras, o meio social tem sido um local de impugnação de deformidades. Dessa forma, percebe-se que essa circunstância se deve ao silenciamento de culturas, de valores, de crenças e de seus lugares de pertencimento que não aderem ao meio, há fragmentação, individualismo e concentração do poder do homem branco.

A aparição de Jojô Todynho em um programa televisivo de alta audiência, como o “Domingão com o Huck”, contribui com o processo de afirmação da população negra, ocasionando identificação com os espectadores que portam características semelhantes.

Em legitimação ao discurso de Jojô Todynho, foram selecionados alguns comentários de usuários da rede social *Instagram* a fim de verificar a identificação e a aceitação de seus seguidores e simpatizantes.

Os inúmeros comentários feitos na publicação do vídeo revelam que os sujeitos que se autoidentificaram dentro das categorias: “gente preta”, “representatividade da gente brasileira”, “nós brasileiros”, como pronunciado pela famosa. Com base nessa visão de sujeito descentrado, clivado, heterogêneo, que é perpassado por vozes, provocam identificações nesse discurso, gerando apoio e admiração.

Para Hall (2016, p. 20), a cultura concerne ao “compartilhamento de significados” - entre um grupo ou sociedade, logo quando se assevera que os tais pertencem à mesma cultura equipara-se a dizer que eles interpretam o mundo de maneira correlativa, expressando seus sentimentos e pensamentos dessa forma. Destarte, a representatividade cultural depende de que seus integrantes além de interpretarem analogamente o que acontece ao seu redor, “deem sentido” aos elementos de forma equivalente. Para mais, a cultura induz a um senso de pertencimento, bem como a conceitos e ideias.

Em se tratar de relações raciais, o sentido de representatividade é mais complexo e está relacionado à evidência de um grupo social específico. Assim sendo, a representatividade tem a possibilidade de ser assimilada dentro de uma perspectiva de empoderamento, ou seja, ocupando e permitindo-se ser presente, despertando visibilidade em posições de alto valor social (SAMPAIO, 2017).

Nota-se a expansão e o reconhecimento do valor nos estudos iniciados por Jojô, como na imagem 1, “os pretos podem ser o que quiser estudem estudem estudem”; na imagem 2 “Gostei do vai estudar” e na imagem 3 “Genteeeeeee!!! Cho ca da!!! Q crescimento, q aprendizagem efetiva que ela teve”. Tais citações aprecia o fato de uma pessoa preta encontrar-se em uma posição de destaque, geralmente e em sua maioria composta por brancos, bem sucedida, acontecimento mais escasso para a população negra, como já citado em dados anteriores.

Na imagem 3, parte do primeiro comentário, a usuária da rede social, também negra, cita o acolhimento e demonstra gratidão pelo programa trazer uma mulher negra “que está se esforçando para aprender”, o que reflete representatividade por parte dela. Em paralelo a isso, o conceito de identidade interessa ao indivíduo a habilidade de se diferenciar dos outros, estando a identidade e a diferença intimamente relacionadas. Nesse sentido, o conceito de diferença do indivíduo é transposto pelas representações, tendo em vista que aquele representante determina a relação de poder definindo e determinando a identidade dos outros indivíduos (HALL; WOODWARD, 2012).

IMAGEM 1



IMAGEM 2

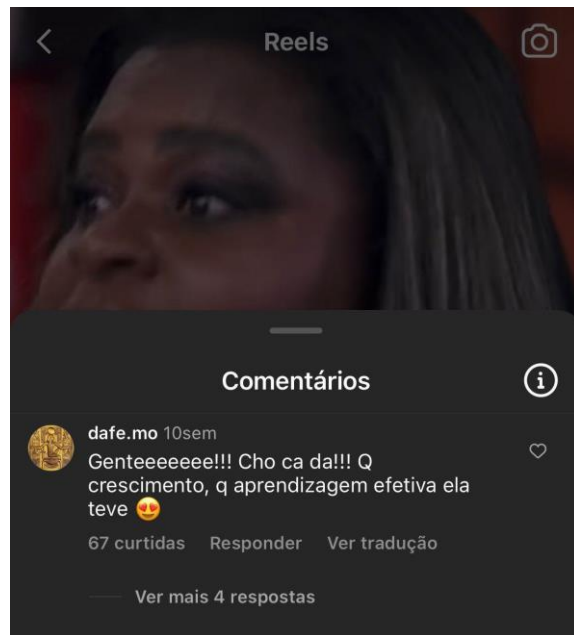

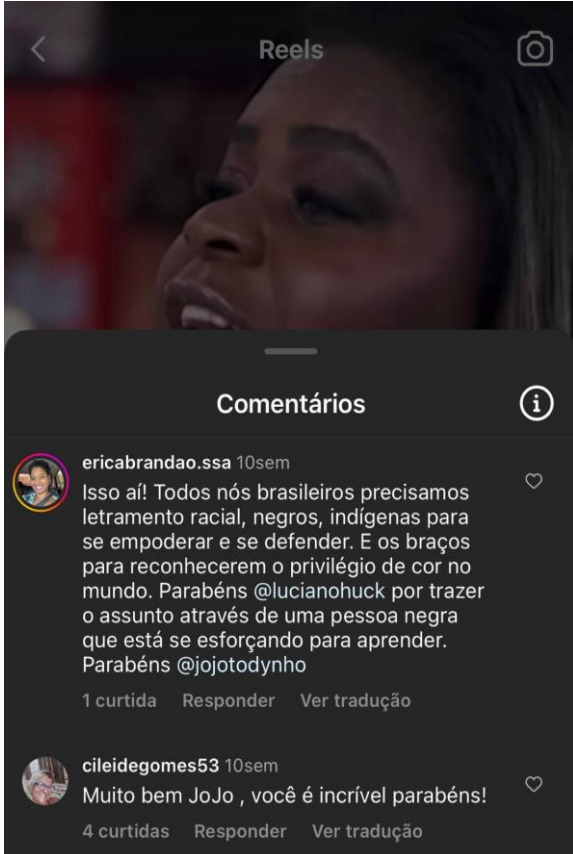


IMAGEM 3	IMAGEM 4
 <p>Reels</p> <p>Comentários</p> <p>_macedo_lucio_ 9sem Sou seu fã!!!! Vc representa mesmo nossa brasilidade! Deus a abençoe sempre!!! Vc tem carisma isso continue assim sempre , humilde e carismática! E chique que vc merece !!!! Parabéns JOJO!!! 5 curtidas Responder Ver tradução</p> <p>camissferraz 10sem É ela não adianta falou tudo 🙌🙌🙌 50 curtidas Responder Ver tradução</p>	 <p>Reels</p> <p>Comentários</p> <p>ericabrandao.ssa 10sem Isso aí! Todos nós brasileiros precisamos letramento racial, negros, indígenas para se empoderar e se defender. E os braços para reconhecerem o privilégio de cor no mundo. Parabéns @lucianohuck por trazer o assunto através de uma pessoa negra que está se esforçando para aprender. Parabéns @jojotodynho 1 curtida Responder Ver tradução</p> <p>cileidegomes53 10sem Muito bem JoJo , você é incrível parabéns! 4 curtidas Responder Ver tradução</p>

Considerações finais

Com efeito e, infelizmente, distantes de uma sociedade igualitária, hoje em dia, pessoas pretas ainda enfrentam obstáculos estruturais que problematizam a busca por igualdade social em diversos âmbitos. Apesar da disseminação de debates sobre a igualdade de raça, ainda são frequentes casos de violência, mortes, baixa representatividade política, desigualdades salariais, assédios, desvalorização gratuita, entre outros.

Todos esses elementos impactam direta ou indiretamente no estabelecimento de seus direitos. Entretanto, surgem, em consequência dessa herança cultural, uma luta incessante por igualdade que tem sido intermediada, também, por suportes midiáticos. Vinculadas a outros enunciados, as campanhas midiáticas são estratégias por meio das quais constroem-se diretrizes que orientam a

construção dos modos de subjetivação, revelando-se um micropoder que se insere no cotidiano, induzindo a falência da cultura colonial.

No intuito de percorrer esse processo e propor mudanças de pensamentos, o letramento racial crítico objetiva não somente reivindicar direitos sociais e políticos, mas conscientizar e permear essa batalha constante e árdua. Certos programas televisivos, quando exibem entrevistas assim como a em tese, valorizam a eliminação da cultura colonial, compreendida, muitas vezes, por meio de comportamentos sutis ou explícitos que diminuem ou relativizam o “ser” negro. Entretanto, nesse trajeto de análise percorrido, notou-se a construção dos sentidos que marcaram o posicionamento empoderador da população negra, assim como de movimentos sociais que lutam contra essa cultura.

Sendo a mídia um grande espaço de poder e controle dos discursos, ressalta-se a importância de tornar públicos esses discursos, como o da Jojô Todynho, a fim de criar pertencimento e incluir, também, a população negra nos espaços de poder. Quando se pensa em descolonialismo, relaciona-se com a necessidade de se gerar letramento racial através da mídia, que é um dos meios mais importantes da atualidade.

Referências bibliográficas

FERREIRA, A de J. **Formações de Professores Raça/Etnia reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e inglês**. 2 ed., Cascavel, PR: Assoeste. 2006.

_____, A de J. **Narrativas e Contranarrativas de Identidade Racial de Professores de Línguas**. Revista da ABPN. Florianópolis, SC: ABPN, jul / out, 2014.

_____, A de J. **Narrativas Autobiográficas de Professores de Línguas na Universidade: Letramento Racial Crítico e Teoria Racial Crítica**. In FERREIRA, A de J. (Org.) **Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 2015.

Globo. Disponível em: [acesse.one/vdZNC](https://www.globo.com/acesse.one/vdZNC). Acesso em: 27/01/2023, às 18h30’.

HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença A perspectiva dos estudos culturais**. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, v. 1, 2012.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HUCK, Luciano. **Sábias palavras da minha querida amiga @jojotodynho, no @domingao.** Domingão do Huck, Rio de Janeiro, RJ. Publicado no Instagram em 20/11/2022. Luciano Huck. Acesso em 12/12/2022.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia. Bauru: EDUSC, 2001.**

MARCONDES, Ofélia Maria. **Refletindo sobre o giro epistemológico decolonial em educação.** Revista Cactácea – V.03 – N.07 – ISSN: 2764-0647– Março de 2023 – IFSP: Câmpus Registro.

MCCLITOCK, Anne. **Couro Imperial.** Campinas: Editora Unicamp, 2010.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Traduzido por Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF, Rio de Janeiro: UFF, n. 34, 2008, p. 287-324, 2008.

PIZA, E. **Adolescência e Racismo: uma breve reflexão.** In I Simpósio Internacional do Adolescente n1. São Paulo, SP. Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo-USP, 2005.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores.** Porto Alegre: 2a edição, Sulina, 2013.

SAMPAIO, J. D. F. **Recortes de percepções femininas sobre objetos icônicos de feminilidade.** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre, p. 71, 2017.

SILVA, Roberta Cristina Eugênio dos Santos. **As prefeitas negras no Brasil e a violência política de gênero: um ensaio sobre desigualdade de gênero, violência política e raça.** 111p. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, J. F. **Prática pedagógica e formação de professores.** In: Batista Neto, J.; Santiago, M. E. (Orgs.). *Formação de professores e prática pedagógica* Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

VOLOSHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Nacional; Universidade de São Paulo, 1976.

Autora:

Kahuanna Andrews de Jesus Oliveira

Mestranda em Linguagens, Letramentos e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná onde desenvolve estudos na área de Letramento Racial Crítico. Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2013). Atualmente é professora de Ensino Médio na Associação Franciscana Senhor Bom Jesus e atua nessa mesma instituição como corretora / revisora textual. Especialista com vasta experiência na área de produção textual, gramática e revisão de textos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3779976892975716>